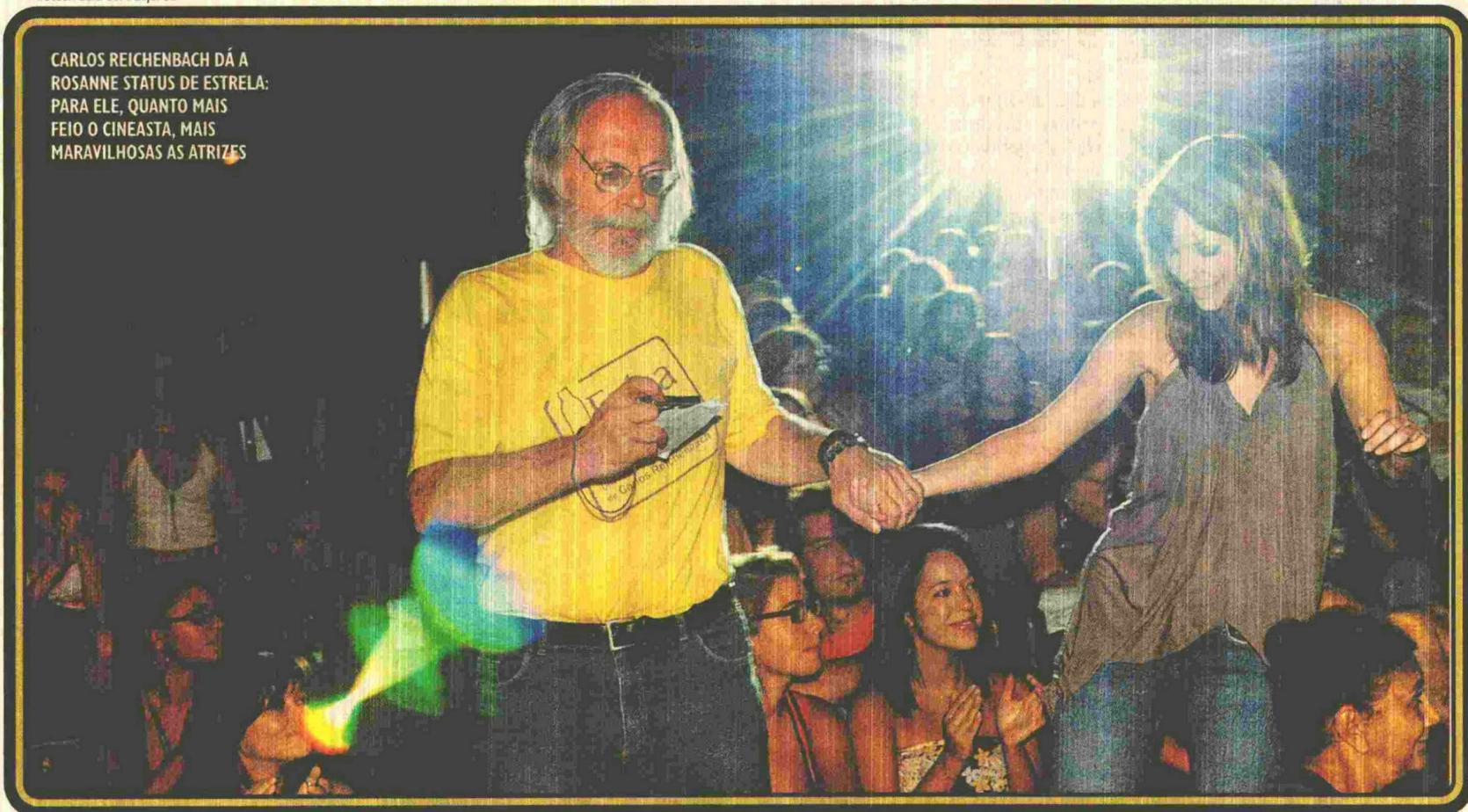


ODE AO MUNDO FEMININO

Fotos: Paulo de Araújo/CB

CARLOS REICHENBACH DÁ A ROSANNE STATUS DE ESTRELA: PARA ELE, QUANTO MAIS FEIO O CINEASTA, MAIS MARAVILHOSAS AS ATRIZES



TIAGO FARIA
DA EQUIPE DO CORREIO

Aplaudido três vezes em cena aberta, *Falsa loura* deixou a mostra competitiva do Festival de Brasília, sábado, com uma vitória antecipada: a produção que, até então, teve a melhor acolhida de público na edição. O cineasta Carlos Reichenbach, porém, só se convenceu da boa aceitação do novo trabalho alguns minutos depois do término da projeção, ao ser surpreendido por um abraço coletivo do elenco feminino liderado pela brasileira Rosanne Mulholland. "Se as atrizes gostaram, fui aprovado", comentou. Quatro anos depois de *Garotas do ABC*, o diretor retornou com uma comitiva feminina que roubou atenções. "Quanto mais feio o cineasta, mais maravilhosas as mulheres", brincou, no discurso de apresentação. Era o aviso de que a noite seria dedicada às musas.

Em *Falsa loura*, as mulheres operárias da periferia de São Paulo tomam a dianteira. São elas que, como em *Garotas do ABC*, ocupam o centro da narrativa, entre a assepsia do ambiente de trabalho e os acalorados momentos de lazer. "A periferia sempre foi protagonista nos meus filmes", definiu Reichenbach, em debate no Hotel Nacional. Nesse ambiente vive a ambiciosa Silmara (Mulholland), fã de música pop. As fantasias de show business se transformam em (cruel) realidade quando ela alcança dois ídolos – um jovem roqueiro (Cauã Reymond) e um canastrão romântico (Maurício Mattar). "Me surpreendi. Fiz um filme sério, mas agora percebi que era uma comédia", definiu Mattar, bem à vontade na pele de Luiz Ronaldo, a estampar o slogan "nem anjo, nem animal". "Fiquei com pena da Silmara. Achei meu personagem um porco", observou, já no Hotel Nacional.

Os tropeços e delírios da protagonista arrancaram risos de uma platéia entusiasmada com os arroubos kitsch das cenas musicais – a mais aplaudida, acompanhada das legendas de um videokê. "No começo, o público acreditou mais no espírito de comédia. Depois percebeu o corpo mais forte da trama, com uma menina simples que sofre", avaliou a produtora Sara Silveira, que venceu em Brasília também por *Alma corsária* (de Reichenbach) e *Bicho de sete cabeças*, de Laís Bodanzky. Na pele de uma trabalhadora espevitada, Suzana Alves – ex-Tiazinha – aprovou o entrosamento do elenco principal do filme, com nomes como Djin Sganzerla e Maeve Jinkings: "O público

daqui é autêntico. Estou digerindo minha interpretação. Aqui não tem oba-oba, é cinema na real".

Na disputa pelo Candango de atuação também por *Meu mundo em perigo*, de José Eduardo Belmonte, Rosanne Mulholland foi perseguida pela máquina digital de Reichenbach e se destacou até na apresentação do longa, com direito a discurso de última hora. "Eu nem estava preparada para falar. Este é um dos dias mais felizes da minha vida", improvisou. Logo depois da sessão, a atriz distribuía sorrisos enquanto notava a responsabilidade de participar do

Festival de Brasília. "É uma felicidade infinita. Nem penso em prêmios. Mas, se isso acontecer, vou deixar a vida me levar", avisou.

Bem-humorada, a platéia tomou a leveza do curta brasileiro *Enciclopédia do inusitado e do irracional* como aquecimento para o longa de Reichenbach. "Aconteceu como eu esperava. É ruim quando riem nas cenas erradas. Estou muito afeiçoada a esse filme, ao personagem", comentou a diretora Cibele Amaral, que investiu em atmosfera de antigas produções de horror para narrar um conflito entre funcionários de uma biblioteca.

Num tom pesado, o paulista *Trópico das cabras* fez referência a Bergman e Antonioni no desfecho da história de um casal que, na estrada, leva ao limite uma relação amorosa. "Antonioni sempre foi o mestre maior. Não esperava tanto, já que o filme é silencioso e veio depois de uma comédia", afirmou. No debate, recebeu elogios do fotógrafo Walter Carvalho, de *Cleópatra*. "O filme tem personalidade, atitude de cinema. O cinema está acontecendo ali", avaliou.

COLABORARAM LÚCIO FLÁVIO, RENATA CALDAS E RICARDO DAEHN

POVO FALA // O QUE ACHOU DO FILME?



"Achei interessante e bem realista. Um thriller legal de acompanhar. Em algumas horas ele vai da realidade à sátira, tem hora que você não sabe se é uma tiração de sarro ou algo assim. Um filme muito bom, me surpreendeu."

Walter Fischer, biólogo



"Gostei, achei que tem uma proposta mais jovem, algo que te mantém ligado, atento, com ótimo ritmo, além de ser leve e divertido."

Izadora Jinkings, servidora pública



"Foi bom e agradável de ver. Não achei maravilhoso, mas gostei. Vamos ao cinema várias vezes para ver filmes comerciais estrangeiros que não são nada melhores do que o longa em questão. Não ficou devendo nada e ainda é daqui, uma produção nacional."

Débora Sales, advogada



"Achei que o filme não tem muito sentido, não tem eira nem beira. Fiquei meio sem entender a moral da história. Francamente, gostei mais dos curtos, não que o longa não tenha sido interessante, mas não me tocou."

Narmada Sugasti, tatuadora